



MEU VOTO



NOSSO DIREITO NOSSO FUTURO  
NOSSA DECISÃO NOSSA CONQUISTA  
NOSSO PODER

 [www.fenae.org.br/meuvotofuncef](http://www.fenae.org.br/meuvotofuncef)

 /FenaeFederacao

 @sigafenae

 [fenaefederacao](https://www.youtube.com/fenaefederacao)

 /FenaeFederacao



PELA VALORIZAÇÃO DO VOTO

**ELEIÇÕES FUNCEF 2016**  
CONSELHOS DELIBERATIVO E FISCAL **16 A 18 DE MAIO**





ENTREVISTA pag. 5



APOSENTADOS pag. 8



ARTIGO pag. 13



CULTURA pag. 14



CULTURA pag. 16



CAPA pag. 18

NEGOCIAÇÕES PERMANENTES pag. 23



RSE pag. 26



SAÚDE pag. 32



MEMÓRIA pag. 34



Administração e redação: **Fenae - Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal** - SRTVS Qd 701, Centro Empresarial Assis Chateaubriand, Loja 126, Térreo II, Conj. L, Lote 38, Bloco II, Asa Sul Brasília / DF - CEP 70340-906 - Diretoria Executiva - Diretor-presidente: **Jair Pedro Ferreira**. Diretor vice-presidente: **Clotário Cardoso**. Diretora de Administração e Finanças: **Fabiana Cristina Meneguete Matheus**. Diretora de Comunicação e Imprensa: **Natascha Brayner Sobreira**. Diretor de Esportes: **Paulo César Barros Cotrim**. Diretor de Cultura: **Moacir Carneiro da Costa**. Diretor de Assuntos de Aposentados e Pensionistas: **Olívio Gomes Vieira**. Diretoria Executiva: **Sérgio Hiroshi Takemoto, Devanir Camargo da Silva, José Megume Tanaka, Daniel Machado Gaio**. Conselho Fiscal - Titulares: **Marcos Aurélio Saraiva Holanda, Francisca de Assis Araújo Silva, Jorge Luiz Furlan**. Suplentes: **Anabele Cristina Silva, Carlos Alberto Oliveira Lima, Laercio Silva**. Conselho Deliberativo Nacional - Presidente: **Giselle Maria Araújo Lima de Menezes**. Vice-presidente: **Paulo Roberto Damasceno**. Secretário-geral: **Iran Neves Bahia**. Gerente de Comunicação: **Rodrigo Fernandes**. Jornalistas: **Antônio José Reis, Andréa Viegas, Junia Lara e Jonilda Bonfim**. Redação publicitária: **Ana Paula Bessa e Eduardo Ribeiro Bueno**. Fotos: as não identificadas são de autoria de **Augusto Coelho**. Design: **Lisarb Senna de Mello e Marcelo Villodres**. Ilustrações e projeto gráfico: **Lisarb Senna de Mello**. Artigo: **Leandro Fortes**. Impressão: Bangraf. Tiragem: 137.000 exemplares. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores. As matérias podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte. **Distribuição gratuita.**

## EDITORIAL

A Caixa Econômica Federal, especialmente nos últimos 12 anos, tem sido protagonista no processo de crescimento econômico e de inclusão social em nosso país. Hoje, o banco está diretamente ligado a programas que mudaram o Brasil como o Bolsa Família e o Minha Casa Minha Vida, bem como ao pagamento de benefícios trabalhistas e previdenciários. É ele também o responsável por gerir o FGTS, um dos maiores patrimônios dos trabalhadores.

Apesar de toda essa importância, o que está em curso é um processo de enfraquecimento da Caixa. A direção da empresa, que optou pela via da intransigência e da falta de diálogo com os empregados e as entidades representativas, impôs uma reestruturação em que a principal marca é a desinformação. Como não poderia ser diferente, o clima nas unidades do banco em todo o país é de terror, como se já não bastasse a sobrecarga diária.

Mas os ataques à Caixa Econômica Federal também partem de fora. No Congresso Nacional mais conservador dos últimos tempos, parlamentares têm entre seus objetivos ressuscitar a famigerada época das privatizações. O PLS 555/2015 é um bom exemplo. O projeto, que obrigava empresas públicas a abrirem o capital, só não passou como os autores do PSDB queriam graças à mobilização feita por trabalhadores e entidades. Alterações importantes foram conquistadas no Senado, mas a luta agora se dará na Câmara dos Deputados.

Todos os riscos contra avanços e projetos de um país melhor têm o mesmo DNA: as ameaças à democracia. O combate à corrupção é, sim, essencial. A recuperação econômica e o fim de outras mazelas que ainda afetam os brasileiros também são. Mas o que se vê atualmente é uma cortina de fumaça que coloca em xeque instituições democráticas, duramente conquistadas em um passado recente, e direitos trabalhistas. Foi assim há 52 anos, em 1964.

O momento, portanto, é de alerta e de luta pela manutenção da democracia. É um dever de todos os brasileiros impedir retrocessos, cenário que só interessa àqueles que sempre viveram em condições privilegiadas e não aceitam a ascensão social registrada nos últimos anos no Brasil. A Caixa que queremos é 100% pública e a favor dos brasileiros. O país que queremos é o que vem sendo construído, mais amplo, tolerante e não-excludente, que contempla a voz de muitos mais.



# ENTREVISTA *Erika Kokay*

## Ser feminista hoje é lutar por uma cultura de paz

A deputada **Erika Kokay** tem pautado a sua atuação no Congresso Nacional, entre outros temas, pela defesa dos direitos das mulheres e da equidade de gênero. Nesta entrevista ela fala da importância do feminismo para a construção de uma sociedade de paz, pois não há humanidade sem que a pessoa tenha a liberdade de ser sujeito de sua própria história. Ela acredita que é preciso enfrentar o fundamentalismo, porque o absurdo está perdendo a modéstia e impondo sua pauta à sociedade.

**Fenae Agora** - Como você avalia o momento vivido no Congresso Nacional, de clara retomada de uma pauta conservadora no Legislativo?

**Erika** - Existem três tipos de fundamentalismo, o punitivo, que acha que todos os problemas do país se resolvem com as balas e com as grades, o patrimonialista, que busca arrancar direitos dos trabalhadores, terras indígenas, quilombolas, e o religioso, que tem o projeto de rompimento da laicidade do Estado e a construção de uma humanidade hierarquizada. Teríamos assim os que podem amar e os que não podem amar, o que são donos do seu corpo, e os que não são, ou seja, nós vivemos esse processo que é uma consequência de uma sociedade em crise, e do vácuo de políticas públicas que combatam os resquícios de patrimonialismo, em que os donos da terra eram também donos das mulheres e das crianças. A 'família', nesse caso, é vista como parte da posse do dono da terra. Essa é uma revolução cultural que temos que fazer ainda. E o Congresso reflete isso.

**Fenae Agora** – Essa seria uma pauta menor para a sociedade brasileira?

**Erika** – Olha, estamos falando de uma luta das mulheres pelo rompimento da desumanização. Sem condição de sujeito da sua própria história e sem liberdade não há humanidade. Queremos romper a violência da nossa sociedade, porque o ser humano não tem fome só de pão, tem fome de justiça, de beleza, de

sorrisos, de paz, a gente não quer ter medo das ruas, nem das noites, nem da polícia e nem do Estado. Pois o mesmo Estado que é ausente nas políticas públicas de proteção de nossa própria humanidade, é muito presente na “ameaça” e violência institucional, no machismo institucional, na repressão aos movimentos populares. Então, essa não é uma pauta menor, não é cereja de bolo e nem chantilly de café, ela é estruturante para a gente construir uma nova sociedade, é estruturante para desconstruir as subalternizações de gêneros que foram naturalizadas.

**Fenae agora** – Como assim, naturalizadas?

**Erika** - Existe uma “construção de gênero” que os fundamentalistas religiosos defendem, que deixa a mulher em condição subalterna. Eles reduzem a um caráter biológico o que na verdade são construções culturais machistas criadas para submeter a mulher a uma condição subalterna. Então se você não traz para a centralidade da agenda do Estado essa questão da equidade de gênero, com o envolvimento do Poder Legislativo, Judiciário, Ministério Público, sociedade civil, Executivo, não vamos construir uma sociedade com uma cultura de paz. Estamos falando de 52% da população mundial, de milhões de pessoas que não querem voltar para casa, que têm medo de voltar para casa, porque ao chegar em casa serão arrancadas delas mesmas. Elas são esvaziadas na condição

de pessoas com autonomia e vão se tornando espelhos do desejo do outro, mudando seu comportamento, seus desejos, suas ações em função do outro. Todo feminicídio literal é precedido de um feminicídio simbólico, a violência cometida contra outro ser humano é precedida de uma desumanização simbólica.

**Fenae Agora** – Então o que é ser feminista hoje?

**Erika** - Ser feminista hoje significa entender que não há nada de natural nessa subalternização do gênero feminino. E eu fico pensando que essa sociedade fundamentalista é sempre dicotômica. Porque você tem o Deus e o diabo, o preto e o branco, mas entre o preto e o branco há todo um arco íris de cores. Você tem a noite e o dia, mas você tem também o entardecer e o amanhecer. Então se você tem uma interdição da vivência de gênero, veja bem, o problema não são só as mulheres que não podem jogar futebol, mas também é a ideia cruel de que meninos não podem brincar de bonecas. Isso é uma interdição da nossa própria humanidade! Em uma sociedade com uma cisão tão violentadora dos gêneros, você diminui as próprias possibilidades humanas em função dessa lógica dicotômica e sem nuances, que é a lógica hoje no Congresso. Se a gente quer construir uma democracia sem medo das noites e das ruas, é preciso transformar numa luta central a discussão de equidade de gênero e a luta contra a discriminação que é pedaço do colonialismo e da

escravidão. Ser feminista hoje é lutar por uma sociedade de paz, pela possibilidade de todos os seres humanos poderem viver sua humanidade, não há nada de tautológico nisso, porque tem muitos que não vivem sua humanidade, na liberdade de amar, de ser, de transitar nos diversos papéis que os seres humanos podem absorver.

**Fenae Agora** – A sub-representação feminina no Congresso Nacional reflete essa sociedade?

**Erika** – O que temos aqui no Congresso é uma consequência da sociedade sexista, que é a sub-representação feminina, menos de 10% - menos que em países em que a mulheres usam burcas, mostrando nossas burcas invisíveis - mas a sub-representação, como todo fruto, é também semente da permanência dessa desigualdade, pois as mulheres estão excluídas dos espaços de poder. Ainda temos que ouvir a verbalização da discriminação, de que as mulheres só são felizes se tiverem um homem, reproduzindo os contos de fadas, em que os homens salvam as mulheres e cabe a elas apenas a sorte de encontrar um homem que possa lhe levar à felicidade, e não ser construtora da sua própria felicidade. As mulheres não podem ser duras nem incisivas, senão estão na TPM ou “precisando de homem”, ou histéricas. A mulher entra no espaço de poder, e ela sofre a ditadura da perfeição, entre outras ditaduras. Ela não pode errar e se errar é



porque é mulher e está no lugar errado. A sociedade diz “ocupa teu espaço público, na escola, no trabalho, nos espaços de poder. Mas seu filho não pode adoecer, tem que estar disponível para relação sexual do seu marido, sua casa tem que estar impecável”, ou seja, ela adentra o espaço, mas o espaço doméstico é totalmente responsabilidade dela. Esse é o outro instrumento de dominação da mulher: a culpa. Se ela recusa uma relação sexual ela se sente culpada, se o filho fica doente, ela se sente culpada, se a casa está suja ela se sente culpada, se ela engorda ela se sente culpada, porque além de tudo é preciso ter ainda o corpo que escolheram para ela, porque não é a mulher que escolhe o corpo que ela deseja, ele também é imposto.

**Fenae Agora** - E o que fazer?

**Erika** - A primeira coisa, na minha opinião, é enfrentar o fundamentalismo, ele é frágil, é irracional, é ignorante, mas é perigoso. Porque tem uma verve fascista, todo fascismo é fundamentalista, é ovo de serpente, e ovo de serpente a gente não ignora, não faz de conta que ele não está ali.

A gente não pode ignorar o absurdo, o absurdo de dizer que há uma “ideologia de gênero”, que quer “combater a família patriarcal para se criar uma sociedade anárquica e incestuosa”. Essa é uma tentativa dos fundamentalistas religiosos de fazer uma ponte com o discurso ideológico, a construção de uma concepção fascista. É preciso não ter medo de dizer que o Estatuto da Família, ao dizer que família é família com felicidade ou sem felicidade, ele retroage a antes da lei do divórcio! Então estamos vendo um fascismo que não pode ser menosprezado, não se pode menosprezar o absurdo. Essa fala da volta da ditadura, da tortura, da violência como estratégia de resolução de conflitos, ela foi por muito tempo considerada tão absurda que foi menosprezada. Mas não dá para menosprezar, porque o absurdo está perdendo a modéstia, como disse Nelson Rodrigues um dia. É preciso deixar claro que o feminismo não é a tentativa da mulher de ser igual ao homem, não há esse caráter binário, o que se reivindica é o direito de ser com igualdade de condições. Não queremos nos travestir de homens, queremos uma sociedade onde as mulheres tenham acesso ao microfone, à caneta e ao batom. Equidade de direitos em seu sentido mais amplo, e isso numa sociedade que vive uma fase de fundamentalismo, coisificação, relações mercantilizadas, lutar pela desconstrução de estereótipos emburrecedores e reducionistas e pelo direito de ser, é um ato extremamente revolucionário.

# Fenae e Apcefs renovam laços com aposentados da Caixa

Em homenagem ao Dia Nacional do Aposentado, celebrado em 24 de janeiro, Fenae e Apcefs realizaram atividades comemorativas voltadas para a **melhoria de qualidade de vida** do público mais experiente

**O**s aposentados da Caixa Econômica Federal se fazem ativamente presentes nas entidades representativas, como a Fenae e as Apcefs. Por reconhecerem esse importante laço com os colegas que dedicaram parte de suas vidas à construção do banco e do país, desde 2009 as duas entidades realizam ações comemorativas e para a melhoria da qualidade de vida desse público tão especial.

Nas Apcefs, as celebrações do Dia Nacional do Aposentado em 2016 foram das mais variadas. Almoços, bailes, jantares dançantes, jogos, cafés da manhã e atividades esportivas foram algumas delas. As homenagens foram realizadas em 17 associações, estendendo-se de 24 de janeiro a 20 de fevereiro. A já tradicional carta da Fenae foi enviada para a residência dos aposentados, renovando o compromisso de contribuir com as causas da categoria.

*“Sempre elaboramos projetos pensando em atender aos trabalhadores da ativa e aos aposentados da Caixa. Nossa preocupação é promover, em conjunto com as Apcefs, atividades de valorização da qualidade de vida e apoiá-los coleti-*

*vamente. Além disso, em uma sociedade que ainda discrimina os mais vividos, a data de 24 de janeiro é uma grande oportunidade para conscientizar a todos sobre a necessidade de respeitarmos essas pessoas e seus direitos”,* destaca o presidente da Fenae, Jair Pedro Ferreira.

Olívio Gomes Vieira, diretor para Assuntos de Aposentados e Pensionistas da Federação, faz questão de citar alguns avanços obtidos nos últimos anos. *“A implantação do Novo Plano da Funcef, a paridade na gestão via novo Estatuto e o retorno do pagamento do auxílio-alimentação para quem se aposentou até 8 de fevereiro 1995. Também vale destacar, sobretudo na década de 1990, o combate ao enfraquecimento da Caixa a fim de privatizá-la. As conquistas só vieram graças à mobilização de todos nós”,* diz.





## Histórico

A lei que criou o Dia Nacional do Aposentado é de 1981, sendo iniciativa do então deputado federal Benedito Marcílio. A data - 24 de janeiro - foi escolhida como um marco à data de assinatura da Lei Eloy Chaves, em 1923, que criou, na época, a caixa de aposentadorias e pensões para os empregados de todas as empresas privadas das estradas de ferro, base do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS).



# Contencioso judicial: risco é de déficit estrutural nos planos de benefícios da Funcef

Enquanto Caixa e Funcef empurram o problema com a barriga, com a ajuda de **conselheiros deliberativos** eleitos, participantes e assistidos pagam uma conta que é da patrocinadora. Proposta de ação de regresso contra o banco aguarda por votação há mais de seis meses

**A**lheio aos interesses dos participantes e assistidos, o Conselho Deliberativo da Funcef tem adiado, nos últimos seis meses, se posicionar sobre o ajuizamento de ação de regresso contra a Caixa Econômica Federal, para receber valores por condenações em ações judiciais que cobram direitos trabalhistas não honrados pela patrocinadora. O montante contingenciado esse passivo é uma conta que está sendo paga pelos associados dos planos de benefícios.

A ação de regresso foi proposta pelo conselheiro Antônio Luiz Fermino, em outubro de 2015. Por duas vezes, o colegiado adiou a apreciação do voto. Em reunião extraordinária, realizada no dia 11 de março para debater exclusivamente o

assunto, que contou com os votos dos demais conselheiros eleitos e os indicados pela patrocinadora postergou por, pelo menos, mais 60 dias, definição sobre o problema.

Apesar dos números relativos ao passivo judicial e os objetos que o originaram terem sido amplamente divulgados pela Funcef, o Conselho Deliberativo, alegando falta de dados consistentes, decidiu pela contratação de uma consultoria para levantar informações e valores a serem discutidos com a Caixa. O prazo previsto para a conclusão desse processo é de 60 dias. Só então, os conselheiros dizem que irão avaliar o voto do conselheiro Fermino.

***“A realidade é que estão empurrando a decisão com a barriga por pelo menos 90 dias, pois ainda haverá os trâmites burocráticos para essa contratação. Esse problema precisa ser tratado com seriedade, pois representa um risco para o equilíbrio financeiro dos planos de benefícios”***, avalia o presidente da FenaE, Jair Pedro Ferreira.

Para as entidades representativas dos participantes e assistidos, não pairam dúvidas sobre quem deveria pagar a conta do contencioso. Mas ao invés da patrocinadora, quem está ficando com o prejuízo do passivo

trabalhista são os associados. “É inadmissível que essa situação perdure. O voto do conselheiro Fermino está desde outubro no CD. Depois de cinco meses perceberam que precisam de uma empresa para ajuda-los a decidir? Os cinco conselheiros que aprovaram o adiamento devem explicações aos participantes e assistidos, que estão sendo prejudicados”, destaca Fabiana Matheus, coordenadora da Comissão Executiva dos Empregados (CEE/Caixa) e ex-conselheira deliberativa eleita.

“É inadmissível que essa situação perdure. O voto do conselheiro Fermino está desde outubro no CD

**Fabiana Matheus**  
CEE/Caixa e FenaE



*Para as entidades representativas dos participantes e assistidos na Funcef, a Caixa é quem deve pagar a conta do contencioso judicial*

## Dados do Contencioso

Os números por si só já demonstram a responsabilidade da Caixa Econômica Federal no contencioso judicial. Dados financeiros da fundação, referentes a 2014, indicam que os principais objetos das quase 14 mil ações judiciais são: CTVA (25%), auxílio alimentação (20%), cesta alimentação (16%), horas extras (16%), abono (13%) e isonomia/promoções (10%).

O passivo judicial é apontado como uma das principais causas do déficit dos planos de benefícios. Para se ter uma ideia, o incremento do valor provisionado do contencioso foi de quase R\$ 1 bilhão nos últimos quatro anos. Segundo dados de novembro de 2015, o valor provisionado para pagamento de condenações judiciais é de R\$ 1,93 bilhão. São as chamadas perdas prováveis. Já se forem consideradas também as perdas possíveis e remotas, o montante chega a R\$ 9 bilhões, correspondentes a 16% do ativo da Funcef, de R\$ 56 bilhões.

No REG/Replan Saldado, o montante para as perdas prováveis é de R\$ 1,44 bilhão. Caso a Caixa ressarcisse a quantia, o valor a ser equacionado a partir de 2016, estimado em R\$ 2,13 bilhões, seria menor. No caso do Não-Saldado, o valor é de quase 10% do ativo, cerca de R\$ 430 milhões, o que corresponde ao déficit acumulado até 2014.



## Reivindicações

A CEE/Caixa entregou documento à direção do banco, em 29 de março, com uma série de reivindicações referentes à Funcef. Entre as reivindicações, estão a solução para o contencioso judicial, a não utilização do voto de Minerva, a imediata incorporação do REB ao Novo Plano, a reformulação do Comitê de Investimentos e a manutenção do Fundo de Acumulação de Benefícios e do Fundo de Revisão de Benefícios. **“As entidades representativas continuam dispostas a negociar e reiteram a cobrança de que seja criado um Grupo de Trabalho paritário entre Caixa e Contraf/CUT para a discussão desses e outros temas”**, acrescenta Fabiana Matheus.



## Equacionamento

O plano para equacionar o déficit do REG/Replan Saldado elaborado pela Funcef foi aprovado pelos órgãos controladores no final de março, e a partir de maio assistidos e participantes contribuirão com taxa extraordinária única de 2,78%a.m. incidente sobre o benefício saldado. O prazo previsto para o equacionamento é de 17,4 anos.

Do montante a ser equacionado, 50% serão arcados pelos participantes da ativa e assistidos, e os outros 50% pela patrocinadora, a Caixa Econômica Federal.

Como a adoção da nova norma era opcional, a Fenaef, Contraf/CUT e a Comissão Executiva dos Empregados da Caixa reivindicaram, em dezembro do ano passado, a realização de plebiscito para ouvir a opinião dos assistidos. A proposta também foi defendida pelo conselheiro eleito deliberativo Antônio Luiz Fermino. A Funcef alegou não ter tempo hábil para realizar a consulta, apesar do pleito das entidades ter sido encaminhado com antecedência.

A aplicação das novas regras (Resolução 22/2015) é opcional para os planos de equacionamento que estão sendo elaborados em 2015 para resultados contabilizados no exercício de 2014. Já para déficits contabilizados a partir de 2015, a regra torna-se obrigatória.

Pela regra antiga (Resolução 26), os fundos de pensão eram obrigados a apresentar plano de equacionamento quando o plano de benefícios acumulasse 10% de déficit ou apresentasse resultado deficitário por três anos consecutivos.

*Representantes dos empregados reiteram cobrança de que seja criado um GT paritário entre a Caixa e a Contraf/CUT para o debate de diversos temas no âmbito da Funcef*





# O GRANDE PATO

Os analfabetos políticos já têm um bezerro de ouro para adorar. Plantado em frente ao Congresso Nacional, em Brasília, o fenomenal pato de borracha montado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) tem sido um ponto de convergência simbólico para os golpistas do impeachment e da intervenção militar.

Mas, sobretudo, o Grande Pato é um emblema dos nossos tempos. Esses tempos horríveis em que o déficit educacional, aliado ao déficit de leitura em geral, trouxeram para a arena política uma multidão de cretinos armados de clichês, a maioria deles sem nenhuma noção do que defendem – ou imaginam defender.

O Grande Pato, ao qual adoram como um símbolo de combate à corrupção (sempre ela) e ao aumento de impostos, não passa de uma representação grotesca da não menos grotesca elite paulista que, como em 1964, usa a Fiesp para trazer de volta seus prepostos ao poder.

Em torno do Grande Pato, 100 seguranças estão postados para protegê-lo dos infiéis. Em torno dele, a manada tocada pela mídia tira selfies, sorridente, a endossar a farsa daqueles que esperam apenas para dar um bote sobre os incautos que se esbaldam nas miniaturas distribuídas como espelhos, sinistras amostras de manipulação.

Envenenados por um processo permanente de demonização do PT, em particular, e da esquerda, no geral, centenas de trabalhadores do entorno da Esplanada dos Ministérios, justamente os mais pobres, os que mais precisam da assistência do Estado, fazem fila para ganhar seus patinhos de plástico.

Não fazem ideia, e por isso, é preciso que lhes seja dito, que o Grande Pato é, na verdade, um Cavalo de Troia de onde sairão as turbas de congressistas financiados pela Fiesp para acabar com direitos trabalhistas e reduzir o Estado a um mero contratador de empresas terceirizadas.

Porque esse Grande Pato, gordo e amarelo, foi criado para esconder as verdades que não lhe saem pelo bico. Estas que só serão reveladas no segundo seguinte ao golpe.

E aí, como em 1964, será tarde demais para se lamentar.



**Leandro Fortes**  
Jornalista, professor e escritor

# Música Fenaé 2015 deu show também em sustentabilidade

Realizado em Recife, o festival foi exemplo de como se faz um evento artístico e responsável com o meio ambiente. Entre as ações, destaque para a **compensação de carbono** e a arrecadação de sandálias para famílias carentes de Belágua (MA)



Entre os dias 2 e 4 de dezembro de 2015, um grande público acompanhou a competição que reuniu talentosos compositores e intérpretes no âmbito do movimento associativo dos empregados da Caixa Econômica Federal. A 12ª edição do Música Fenaé, realizada em Recife (PE), além de promover a integração, a divulgação artística e a descoberta de novos talentos, também realizou ações sociais e sustentáveis.

Uma delas foi a ajuda na recuperação do meio ambiente devastado pelo homem. A Federação compensou a emissão de 38,15 toneladas de carbono por meio do plantio de 241 mudas de Mata Atlântica em áreas próximas a rios e nascentes no Sistema Cantareira. ***“Toda ação humana gera carbono, mas é possível equilibrá-la com práticas sustentáveis. Prezamos pelo social e pela preservação e, com essa ação, vamos ajudar a regenerar uma flores-***

*Para Jair Pedro Ferreira, presidente da Fenaé, a edição 2015 do festival combinou a descoberta de novos talentos com a realização de ações sociais e sustentáveis*





*ta*”, destaca o presidente da Federação, Jair Pedro Ferreira.

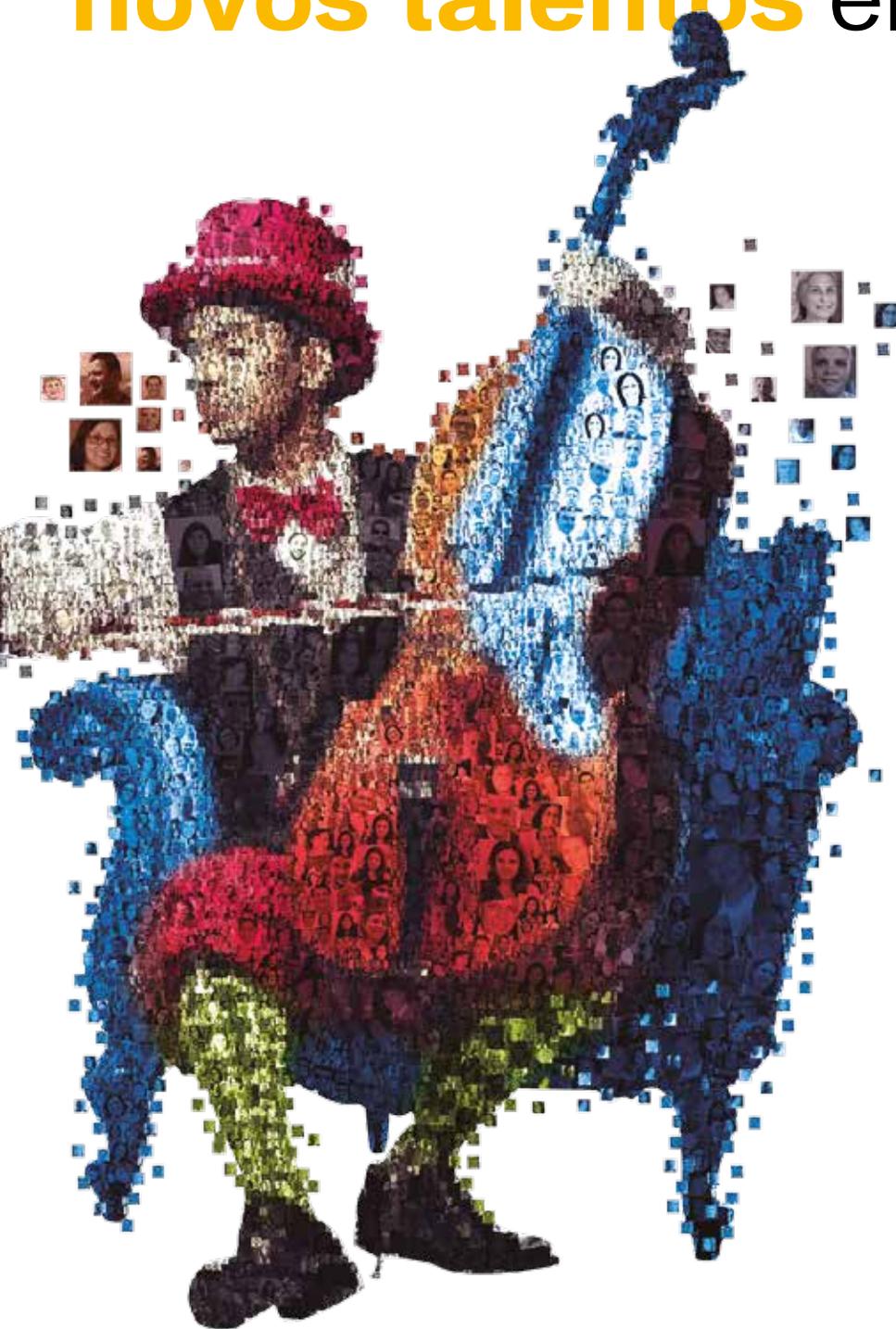
Nas etapas eliminatórias e na final do Música Fenaé, os empregados da Caixa e o público em geral puderam conhecer as ações do Movimento Solidário que transformaram a realidade de Caraúbas do Piauí (PI) e pretende fazer o mesmo em Belágua (MA). Durante o evento foram arrecadados 1.250 pares de sandálias para famílias carentes da cidade maranhense.

***“Tivemos a preocupação com o socialmente responsável desde os preparativos para o festival na capital pernambucana. Outra ação importante foi a de, por meio de uma ONG, transformar as lonas usadas na identidade visual do evento em bolsas. É importante deixar bons exemplos para que outras empresas passem a adotar esse tipo de atitude”,*** ressalta Moacir Carneiro, diretor de Cultura da Fenaé.



*Um dos bons exemplos do festival foi a transformação, por meio de uma ONG, de lonas usadas na identidade visual do evento em bolsas, como parte da preocupação com o socialmente responsável*

# Fenae e Apcefs vão espalhar cultura e revelar **novos talentos** em 2016



Para que mais empregados da Caixa possam contribuir com o **MCPC**, prazo de adesão vai durar cerca de sete meses. Retomada do Circuito Cultural, que será reformulado e vai ganhar novo nome, também será destaque em 2016

**O** ano de 2016 promete ser de muita cultura no âmbito dos empregados e aposentados da Caixa Econômica Federal. Mais uma vez, projetos desenvolvidos pela Fenae, em parceria com as Apcefs, serão protagonistas. E tudo começa com uma mudança importante: o prazo para aderir ao Movimento Cultural do Pessoal da Caixa (MCPC), contribuindo com a execução do Eu Faço Cultura (EFC), será maior em relação aos anos anteriores.

**Por meio do MCPC** - criado pela Federação há 10 anos - e da Lei Rouanet, é possível destinar até 6% do Imposto de Renda devido. “Os colegas do banco terão de maio a dezembro para fazer a doação. Durante todo o período, faremos várias ações nas unidades da Caixa e nas redes sociais para reforçar a importância desse apoio e lembrar o conceito de que não custa nada, pois o dinheiro sai do IR devido”, diz o diretor de Cultura da Fenae, Moacir Carneiro.

**Ao longo de uma década**, o Movimento Cultural do Pessoal da Caixa engajou cerca de 30 mil trabalhadores do banco e levou shows, espetáculos e apresentações para mais de 600 mil instituições e 50 instituições, em mais de 70 cidades. Dados do Ministério da Cultura apontam que a iniciativa foi responsável por um grande aumento no número de pessoas físicas que contribuem via Lei Rouanet no Brasil. Nos últimos oito anos, as doações cresceram 366%.

## Democratização da cultura

O modelo atual do Eu Faço Cultura se baseia na distribuição de milhares de benefícios como ingressos e produtos para populações de baixa renda e alunos de escolas públicas, ONGs e microempreendedores individuais, por exemplo. **“Segundo levantamento do Sesc, em parceria com a Fundação Perseu Abramo, mais**

**da metade dos brasileiros não pratica qualquer atividade cultural”,** ressalta Moacir Carneiro. O resgate também pode ser feito por empregados da Caixa que aderiram ao MCPC em 2015.

Até março deste ano, já haviam sido resgatados mais de 5.300 ingressos para espetáculos, shows e cinema. No total, mais de 116 mil pessoas foram atendidas, direta ou indiretamente, com o envolvimento de mais de 100 parceiros de distribuição, dos quais 65% são ONGs.

### Novo projeto a caminho

A grande novidade da Fenae e das Apcef este ano será a retomada do Circuito Cultural, por meio do qual, durante anos, associados de todo o país concorreram com pinturas, crônicas, contos, fotografias e desenhos, entre tantos outros. Realizado de 2004 a 2013, o concurso de talentos contou com mais de oito mil trabalhos inscritos.

**“Estamos finalizando os detalhes do projeto, que será totalmente reformulado e terá um novo nome. Em linhas gerais, haverá etapas estaduais, regionais e nacionais. Também teremos júris popular e técnico, a fim de valorizar a qualidade dos trabalhos e a participação de outros empregados da Caixa”,** adianta Moacir Carneiro.

Circuito Cultural terá novo formato. Objetivo é valorizar qualidade dos trabalhos e talento dos empregados

**Moacir Carneiro**  
Diretor de Cultura da Fenae



**CAPA**  
.....

## Defesa do patrimônio público rima com **Caixa 100% pública** e contra o PLS 555

Conquista de mudança em projeto aprovado no Senado registra avanço contra a ameaça de privatização de estatais. Agora, **luta da sociedade** contra a medida que atinge Caixa, BB e outras empresas públicas será na Câmara dos Deputados

**V**olta e meia, o patrimônio público tem sido alvo de fortes e persistentes ataques. Em conluio com a ala conservadora do Congresso Nacional e do Judiciário, os meios de comunicação dão espaço a análises depreciativas e a acusações contra as empresas estatais e seus trabalhadores, feitas por porta-vozes de projetos políticos alinhados com os interesses da elite econômica no desmonte da esfera pública no Brasil.

O propósito dessas investidas é tirar da sociedade brasileira as ferramentas de aplicação de políticas



*Comitê em Defesa das Empresas Públicas conclama sociedade civil a fortalecer e ampliar a mobilização a favor do Brasil e da democracia*

públicas que empresas como a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil, o BNDES, a Petrobras, a Eletrobrás e os Correios representam, dando-lhes o mesmo destino que foi concedido a tudo o que se privatizou no país até 2002, de modo a tornar essas instituições canais permanentes de obtenção de lucro para a iniciativa privada.

Foi em resposta à tentativa de minar o reconhecimento da sociedade quanto à importância das empresas públicas para o país que a Fena, a CUT, a Contraf/CUT, a Federação Única dos Petroleiros (FUP), as associações de pessoal, os sindicatos de trabalhadores de diversas categorias profissionais e as entidades de movimentos sociais populares do Brasil inteiro, reunidas no Comitê Nacional em Defesa das Empresas Públicas, se mobilizaram e conseguiram barrar no Senado, em 15 de março, a coleção de paradoxos, absurdos, agressões e arbitrariedades do PLS 555, o chamado Estatuto das Estatais. A pressão feita sobre os parlamentares, combinada com a entrada do governo federal no processo de negociações, foi determinante para a constru-

É preciso ainda  
combater os  
vários projetos  
em andamento no  
Legislativo, que  
retiram direitos  
dos trabalhadores  
abrigados na  
Constituição de 88

**Maria Rita Serrano**  
*representante suplente dos  
empregados no CA da Caixa*

ção de um substitutivo que resultou em avanços fundamentais. O principal dano, a obrigatoriedade de abertura do capital de todas as empresas públicas federais, estaduais e municipais, por intermédio da transformação em sociedades anônimas, foi retirado do projeto original. Outras mudanças conquistadas foram o fim da exigência de as estatais de economia mista não terem mais ações preferenciais e a restrição da abrangência do Estatuto das Estatais, que passa a ser obrigatório apenas para empresas que tenham mais de R\$ 90 milhões de receita operacional bruta, o que deixa de fora a maioria das estatais com menor porte.

**“Tiramos leite de pedra”.** Assim expressou-se Maria Rita Serrano, coordenadora do Comitê Nacional em Defesa das Empresas Públicas e representante suplente dos empregados da Caixa no Conselho de Administração do banco, depois de tomar conhecimento do que havia sido aprovado pelos senadores. Fundamental para as alterações no projeto anterior de autoria de parlamentares do PSDB, segundo ela, foi a força da mobilização e da união na luta contra a tentativa de

implantar uma nova onda de privatizações no Brasil, similar à realizada na década de 1990. Rita Serrano alerta que, agora, a luta dos movimentos sindicais e sociais contra a medida que ameaça a Caixa, o BB, a Petrobras e os Correios, além de todo o patrimônio público, se dará na Câmara dos Deputados, havendo ainda a necessidade premente de fortalecer e ampliar a mobilização em defesa do Brasil, de modo a combater também os vários projetos em andamento no âmbito do Poder Legislativo que retiram direitos dos trabalhadores abrigados na Constituição de 1988, como o que prevê a precarização das relações do trabalho, através da terceirização indiscriminada no país. Nesse bojo de caráter privatista, aliás, existe ainda a medida que retira a autonomia da Petrobras na operação do pré-sal, já aprovada no Senado.

## Pontos negativos do PLS 555

O projeto apreciado pelo Senado, no entanto, manteve a restrição a que trabalhadores integrem os conselhos de administração e as diretorias das estatais, e a exigência de que 25% dos membros dessas instâncias sejam independentes. Outra ameaça também permanece: a obrigatoriedade de que as empresas estatais comercializem 25% das suas ações na Bolsa de Valores, no mínimo. Esses itens são vistos pelo Comitê Nacional em Defesa das Empresas Públicas como uma grande ameaça para a manutenção do papel social das estatais.

O PLS 555 tramitou em regime de urgência desde agosto de 2015, mas a forte mobilização dos trabalhadores e de suas entidades representativas conseguiu adiar a votação da medida por cinco vezes seguidas. Como resultado dessa pressão, o governo federal viu-se obrigado a participar da negociação por mudanças no texto. Esse movimento traduziu-se em ciclo de debates que culminou em seminários, exposições, audiências públicas e encontros com parlamentares e com auxiliares diretos da presidenta Dilma Rousseff, aglutinando seis centrais sindicais, confederações, federações, sindicatos e entidades associativas e de movimentos

*Caravanas de trabalhadores pressionaram parlamentares por mudanças no projeto aprovado pelo Senado, avaliado como vitória possível no momento atual*



sociais, além da Fenae. Igualmente relevante foi a participação de senadores que se aliaram à luta contra o PLS 555, como Lindbergh Farias, Paulo Paim e Gleisi Hoffman (PT), Vanessa Grazziotin (PCdoB), Randolfe Rodrigues (Rede) e Roberto Requião (PMDB).

Nesse movimento coletivo, a rede social foi outro instrumento utilizado com vigor e que terá continuidade em nova e árdua batalha no âmbito da Câmara dos Deputados. Por ocasião do embate ocorrido no Senado, o site [www.diganaoapls555.com.br](http://www.diganaoapls555.com.br) e o facebook [www.facebook.com/diganaoapls555/](http://www.facebook.com/diganaoapls555/) tiveram milhares de acessos e interação de internautas, além de ampla repercussão favorável em canais da mídia alternativa.

A extensão dessa luta pelo Brasil foi observada na criação de comitês estaduais em defesa das empresas públicas. Embora o projeto aprovado pelo Senado não tenha sido o ideal, a avaliação é de que ocorreu uma vitória possível no momento atual, se for levado em consideração o cenário totalmente desfavorável à classe trabalhadora e à população brasileira, com o recrudescimento das forças conservadoras de direita e com a mídia desgastando as empresas públicas e o papel delas no processo de desenvolvimento do país, com distribuição de ren-

Deflagrada pela Fenae e pela Contraf/CUT, campanha para a manutenção da Caixa 100% pública é vitoriosa e avança pelo país

**Jair Pedro Ferreira**  
*presidente da Fenae*



da, inclusão social, mais emprego e resgate da cidadania. “Analisando o estágio em que a mobilização começou, houve um avanço para as empresas públicas no substitutivo aprovado pelos senadores. Para o pessoal da Caixa, o que foi alcançado no PLS 555 representou uma vitória, já que foi retirada a ameaça de transformar o banco em S.A. É uma resposta para a categoria que vem se mobilizando intensamente. Desde agosto do ano passado, a campanha para a manutenção da Caixa 100% pública, deflagrada pela Fenae e pela Contraf/CUT, tem contado com a participação de associações e sindicatos. Essa mobilização permitiu que a Caixa não se transformasse em algo semelhante à privatização”, destacou Jair Pedro Ferreira, presidente da Fenae.

Para Fabiana Matheus, diretora de Administração e Finanças da Fenae e coordenadora da Comissão Executiva dos Empregados (CEE/Caixa), não dá mais para retroceder. Ela afirma que, desde que surgiu, a Caixa Econômica Federal, em particular, esteve ligada aos setores mais pobres da população, atuando hoje diretamente vinculada à execução de políticas públicas e ao crescimento econômico e social do país. E acrescenta: **“Não aceitaremos o retorno daquela triste realidade dos anos 1990, quando se tentou diminuir a importância da empresa para privatizá-la. O Brasil precisa de uma Caixa 100% pública, forte e a serviço da sociedade”.**

## Onda de privatizações volta a assombrar as empresas públicas do Brasil

Depois de 20 anos, o fantasma criado pelo governo FHC (PSDB) volta a aterrorizar as riquezas brasileiras. Uma das maiores ameaças para as empresas públicas vem de diversos projetos de lei que tramitam no Congresso Nacional, como o que permite às petrolíferas estrangeiras explorar o pré-sal sem fazer parceria com a Petrobras.

As privatizações existem no Brasil desde a década de 1980, mas ganharam força na seguinte. É que o ex-presidente passou a seguir as recomendações do Consenso de Washington, protocolo elaborado em 1989 para propagar a conduta econômica neoliberal pelo mundo. Esse processo levou o Brasil para o fundo do poço.

Mais de 100 empresas foram privatizadas, sendo a venda da Companhia Vale do Rio Doce o grande marco da época. Entre 1995 e 2005, o número de trabalhadores em empresas privatizadas caiu de 95 mil para 28 mil. Enquanto isso, a lucratividade delas saltou de R\$ 11 bilhões para R\$ 110 bilhões, uma riqueza que deixou de ser dos brasileiros.

As privatizações também são responsáveis por acelerar o processo de terceirização da economia e precarização das relações do trabalho, aumentando o desemprego e diminuindo a renda da classe trabalhadora.



## Mais empregados e maior transparência

Em sua origem, a luta contra o PLS 555 integra o movimento em defesa da Caixa 100% pública, sobretudo porque o banco é o principal agente do governo federal na condução de programas sociais, além dos demais serviços que vem prestando ao cidadão brasileiro nos últimos anos. Ciente disso, o vice-presidente da Fenae, Clotário Cardoso, reafirma que **“aumentar o contingente de empregados é uma das formas de fortalecer a Caixa”**. Ele lembra que em 2015, quando o banco completou 154 anos, o total era de pouco mais de 100 mil empregados, mas agora são menos de 98 mil, já que cerca de três mil saíram no Plano de Apoio à Aposentadoria (PAA), realizado entre fevereiro e abril do ano passado. **“Enquanto 30 mil aprovados no concurso de 2014 aguardam convocação, empregados, clientes e usuários sofrem no dia a dia das agências. É inadmissível que o banco não reponha sequer o número de empregados que se aposentaram”**, observou.

Essa situação caótica, segundo Fabiana Matheus, é resultado da falta de transparência na gestão da Caixa. **“A maior responsabilidade cabe à direção do banco, que desrespeita as negociações da mesa permanen-**

Situação caótica nas agências resulta da falta de transparência na gestão da Caixa, que desrespeita negociações e descumpre acordos coletivos

**Fabiana Matheus**

CEE/Caixa e Fenae

**te e descumpre cláusulas dos acordos coletivos de trabalho. Portanto, temos que lutar todos os dias contra o enfraquecimento da empresa, que não interessa a amplos setores da sociedade brasileira”,** admite.

Opinião semelhante é compartilhada por Anabele Cristina Silva, integrante do Conselho Fiscal da Fenae, para quem a importância da Caixa Econômica Federal para o Brasil fica cada vez mais evidente. **“Foi com a ajuda do banco que conseguimos varrer a fome dos rincões do país. A Caixa e outras instituições bancárias públicas mostraram-se fundamentais em momentos de superação das crises financeiras, como a que ocorreu no período de 2008. É preciso fortalecê-la, o que só será possível com a contratação de mais empregados e o combate persistente ao PLS 555 e ao projeto das terceirizações”**, diz.

Por outro lado, o Comitê Nacional em Defesa das Empresas Públicas avalia como importante que essa vitória parcial no Senado tenha ocorrido em um momento em que existem tantos empecilhos para o combate da agenda neoliberal em curso. Isto porque a defesa do patrimônio público do Brasil casa-se perfeitamente com a mobilização em favor do Estado de Direito e da democracia nas ruas, numa prova cabal de que a luta continua, seja em que situação for.

Luta das entidades representativas é para aumentar o contingente de empregados. Isto é visto como fator importante para fortalecer a Caixa 100% pública





*Entidades representativas lutam para que a Caixa seja mais forte. Para isso, antes de tudo, trabalhadores devem ser respeitados e valorizados*

## **NEGOCIAÇÕES PERMANENTES**

# Mobilização: antídoto contra a **intransigência** da direção da Caixa

A **falta de diálogo** da diretoria do banco na mesa de negociação era apenas uma prévia do que estava por vir: a reestruturação. Processo está sendo implantado sem debate e sem informações claras para os trabalhadores do banco

O primeiro trimestre de 2016 foi de intensa mobilização entre os empregados da Caixa Econômica Federal. A intransigência nas negociações, o descumprimento de cláusulas dos dois últimos Acordos Coletivos de Trabalho (ACTs) e a reestruturação imposta pela direção do banco motivaram manifestações em todo o país reivindicando mais respeito e transparência. O recado da categoria foi claro: para que a Caixa seja mais forte é preciso, antes de tudo, que os trabalhadores sejam respeitados e valorizados.

O calendário de atividades começou com uma grande ação nas redes sociais, em 25 de fevereiro, prosseguiu com o Dia Nacional de Luta contra o desrespeito da Caixa, em 2 de março, e com o Dia Nacional de Luta contra a reestruturação, em 24 de março. Nessas mobilizações, houve retardamento da abertura de agências e paralisações nas unidades. Ações estaduais também foram promovidas por Apcefs e sindicatos.

***“Exigimos que a diretoria da Caixa seja coerente com a atual política de fortalecimento do banco público, voltada, sobretudo, para o desenvolvimento do país e dos brasileiros. Para isso é preciso que se tenha uma postura responsável com os empregados, pautada pela ética, transparência e diálogo. Afinal, são eles que constroem os resultados da empresa, enfrentando uma série de dificuldades no dia a dia”***, ressalta o presidente da Fenae, Jair Pedro Ferreira.

**Desde o início do ano**, trabalhadores e o banco sentaram à mesa de negociação permanente uma única vez, no dia 28 de janeiro. E as discussões se resumiram a pontos acordados durante as últimas campanhas salariais, mas que a Caixa não estava cumprindo como a contratação de mais empregados, destinação do superávit do Saúde Caixa, promoção por mérito e o retorno do Adiantamento Assistencial Odontológico. Na reunião, os representantes do banco insistiram em respostas evasivas, num total descaso com a categoria.

***“Não vai ser fragilizando os trabalhadores que a Caixa se tornará mais forte. Em nenhum momento, Contraf/CUT, sindicatos, federações e outras entidades representativas foram chamados para discutir os termos dessa reestruturação que está em curso. A decisão foi simplesmente comunicada aos empregados, que foram deixados diante de um futuro incerto”***, ressalta Fabiana Matheus, coordenadora da Comissão Executiva dos Empregados (CEE/Caixa), que assessora a Contraf/CUT nas negociações com o banco.

## Dúvidas e medo entre os empregados

A reestruturação anunciada no dia 10 de março pela presidente da Caixa, Miriam Belchior, sem qualquer discussão com os representantes dos trabalhadores, aumentou o nível de inquietação e insatisfação nas unidades de todo o país. O clima, no entanto, já era de terror. Isso porque boatos de que mudanças estavam em andamento circulavam desde o ano passado, o que foi negado por diversas vezes pela empresa.

**Conforme Fabiana Uehara**, diretora da Contraf/CUT, uma das possíveis consequências do plano é a extinção de quatro gerências de pessoal. São elas:

Manaus (AM), Bauru (SP), Vitória (ES) e Florianópolis (SC). “A ampliação das chamadas Gipes é uma briga histórica nos sindicatos. Somos contra essa forma de reestruturação que a Caixa está fazendo, sem o mínimo de transparência, deixando um clima negativo nas agências”, diz.

Sem informações detalhadas sobre a reestruturação e seus efeitos, a Contraf/CUT e a Fenae reivindicaram à Presidência da Caixa a imediata suspensão do processo. O ofício foi enviado em 22 de março. Até o fechamento desta edição, no entanto, a empresa não havia encaminhado resposta ao documento.

Somos contra essa forma de reestruturação que a Caixa está fazendo, sem transparência e deixando um clima negativo nas agências

**Fabiana Uehara**

diretora da Contraf/CUT

Fortalecimento da Caixa como banco 100% público passa pela política de contratação de mais empregados, para fazer frente à atual situação caótica nas unidades





*Documento da Fenae e da Contraf/CUT foi entregue à Caixa e reivindica a imediata suspensão do processo de reestruturação. Até agora, não há resposta por parte do banco*

## Acordo é para ser cumprido!

Após cobrança na mesa de negociação permanente, a Caixa efetuou o crédito da promoção por mérito ano-base 2015 na folha de pagamento de fevereiro, o que deveria ter ocorrido em janeiro, conforme prevê o ACT 2015/2016. A alegação da empresa foi de que houve problemas no sistema. Dos 97.462 trabalhadores, 91.928 eram promovíveis, dos quais 63.520 (69,1%) receberam um delta e 14.991 (16,3%) foram contemplados com dois deltas. Já os que não alcançaram promoção foram 13.417 (14,6%).

***“Esse número de trabalhadores sem promoção ficou bem acima do esperado. Por isso, a comissão paritária do PCS e a CEE/Caixa estão analisando os dados***

***para buscar melhorias na sistemática”***, explica Fabiana Matheus. Ela lembra ainda que a promoção por mérito é uma das mais importantes conquistas dos empregados do banco, fruto de um longo processo de negociação, motivo pelo qual deve ser valorizada pela categoria.

Os trabalhadores também receberam, no dia 11 de março, a segunda parcela da Participação nos Lucros e Resultados (PLR). Pelo ACT 2015/2016, a empresa teria até 31 de março para creditar os valores, mas a antecipação foi feita após o pedido da CEE/Caixa. No banco, a PLR é composta pela regra básica Fenaban, correspondente a 90% do salário mais R\$ 2.021,79, limitado a R\$ 10.845,92; parcela adicional, que representa 2,2% do lucro líquido do banco dividido pelo número total de empregados em partes iguais, até o limite individual de R\$ 4.043,58; e PLR Social, equivalente a 4% do lucro líquido, distribuídos linearmente.



## Condições de Trabalho

Mais dois fóruns regionais de condições de trabalho serão instalados até maio, nas bases sindicais de Porto Alegre (RS) e de Belo Horizonte (MG). A ampliação dessas instâncias foi definida pelo Fórum Paritário Nacional de Condições de Trabalho, durante reunião realizada em Brasília (DF), no dia 16 de março.

Estavam funcionando pilotos, que serão mantidos de forma permanente, nas bases sindicais de Brasília, Campinas (SP), Curitiba (PR), Fortaleza (CE), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP). Os fóruns são uma conquista da campanha salarial de 2014 e foram criados com o objetivo de debater medidas de combate e prevenção a problemas nas unidades, como descumprimento da jornada de trabalho, assédio moral, cobranças por metas abusivas, entre outros.



## MOVIMENTO SOLIDÁRIO

# 10 anos mostrando a importância da atuação coletiva



Desafio agora é aumentar o IDH e a qualidade de vida dos moradores de **Belágua**, no Maranhão. Receita será a mesma que deu certo em Caraúbas (PI), onde houve uma verdadeira transformação na vida da população

**P**ara fazer a diferença é preciso acreditar. Há pouco mais de 10 anos, em 2005, surgiu o projeto Movimento Solidário, por decisão do Conselho Deliberativo Nacional (CDN) da Fena. Desde o início, os empregados da Caixa Econômica Federal acreditaram na proposta e com suas doações ajudaram a mudar a realidade de muita gente. Uma verdadeira corrente pelo bem e pela vida, que também envolveu inúmeros parceiros.

Em nove anos de atuação em Caraúbas do Piauí (PI), o Índice de Desenvolvimento Humano do município saltou de 0,121 para 0,505. A cidade chegou a ter o 18º pior IDH do país. Com o apoio dos trabalhadores da Caixa, da Fena, das Apcefs, do Grupo PAR e da PAR Corretora de Seguros, foram implantados programas de geração de emprego e renda, como padaria e horta comunitária, cooperativas de leite e de costura, e os moradores ganharam ambulâncias, telecentros e biblioteca, entre outras melhorias.

Movimento Solidário revela que em Belágua as crianças são as que mais sofrem, alimentando-se exclusivamente de farinha. Ali a água também não tem tratamento nas comunidades mais distantes

Após constatar que a comunidade já reunia as condições para caminhar sozinha, em 2015 o Comitê de Responsabilidade Social Empresarial da Fena definiu um novo desafio: mudar os indicadores sociais de Belágua (MA). A cidade apresenta carências em educação, saúde, saneamento básico e geração de renda. Quem mais sofre são as crianças, que se alimentam exclusivamente de farinha e água sem tratamento em algumas comunidades mais distantes.

Outros dados do município maranhense também chamam a atenção: 75% da população adulta é analfabeta; 42% não têm acesso à água potável, apenas 15% têm acesso à coleta seletiva, 96% da população não tem acesso a saneamento e serviços essenciais. Nas cidades do estado com baixo IDH, quatro entre 10 crianças morrem de desnutrição e fome. Infelizmente, Belágua está entre elas, o que motiva ainda mais o Movimento Solidário.



*Comunidade em Belágua apresenta carências em educação, saúde, saneamento básico e geração de renda*

# Primeiros passos em Belágua

Em dezembro de 2015, mais uma ação do Comitê de Responsabilidade Social da Fenaê encheu de esperança a população sofrida de Belágua. Mais de mil pessoas foram beneficiadas com as doações feitas pelos empregados da Caixa. Desse total, 600 são crianças, que receberão kits de material escolar. Trezentas famílias foram atendidas com cestas básicas e mais de 500 lares receberam filtros de barro. Também foram distribuídos 600 kits de higiene, 300 brinquedos e cerca de mil pares de chinelos.

Após o trabalho no final do ano passado, as ações começaram a envolver as lideranças comunitárias, que foram ouvidas com o objetivo de mapear as potencialidades da região. Desta forma, as primeiras atividades foram definidas: projetos de piscicultura, montagem de infraestrut

tura para criação de galinhas caipiras e hortas comunitárias, com o município comprando o excedente da produção das cerca de 200 famílias.

**Entre as 10 comunidades** mais carentes, quatro foram selecionadas, justamente as que possuem os maiores índices de mortalidade infantil e materna, para se atuar de forma mais intensa neste primeiro semestre. “O intuito é criar uma cadeia produtiva para tentar amenizar a miséria e ajudar as pessoas a ter um futuro melhor”, afirma Jair Ferreira, presidente da Fenaê. A ideia é atuar até 2020 nas localidades, privilegiando a atuação coletiva e participativa.

Para concretizar os objetivos, o Movimento Solidário mais uma vez conta com a participação dos empregados da Caixa. Assim como no caso de Caraúbas, as doações serão fundamentais para ajudar ao povo sofrido de Belágua. Para saber como doar, acesse o link <http://todosjuntos.parcorreto.com.br> e dê sua contribuição. Em breve, o programa lançará um novo site, por meio do qual também será possível ajudar.

Se houver compartilhamento de ideias e dos problemas, haverá compartilhamento de respostas

**Natascha Brayner**  
diretora da Fenaê

*Objetivo do Movimento Solidário, segundo Natascha Brayner, é ajudar a tirar Belágua do quadro de atraso que o Maranhão atravessa. Ela diz que “o foco será as comunidades rurais e não a sede, sendo isto fundamental para que ocorra a necessária autonomia do processo”*





| Comunidade    | Nº Família | Nº Pessoas | Jovens | Adultos | Idosos | Crianças | Crianças Desnutridas | Renda per capita | Crianças baixo peso |
|---------------|------------|------------|--------|---------|--------|----------|----------------------|------------------|---------------------|
| Bom Princípio | 5          | 45         | 3      | 10      | ---    | 32       | 3                    | 120              | 11                  |
| Buritirana    | 6          | 42         | 2      | 12      | 2      | 26       | 2                    | 70               | 12                  |
| Galegas       | 14         | 68         | 10     | 28      | 4      | 26       | 4                    | 70               | 10                  |
| Jabutí        | 20         | 98         | 15     | 40      | 6      | 37       | 3                    | 85               | 15                  |
| Lagoas        | 12         | 46         | ---    | 24      | 2      | 22       | 15                   | 70               | 14                  |
| Mendes 1 e 2  | 20         | 92         | 6      | 50      | 6      | 30       | 5                    | 70               | 22                  |
| Mocambo 1 e 2 | 60         | 301        | 51     | 120     | 13     | 130      | 7                    | 120              | 90                  |
| Olho D'Água   | 4          | 41         | ---    | 12      | 2      | 27       | 2                    | 140              | 8                   |
| Pilões        | 12         | 69         | 10     | 24      | 2      | 33       | 2                    | 70               | 20                  |
| Santa Maria   | 12         | 64         | 4      | 26      | 4      | 36       | 4                    | 120              | 21                  |

## Outras ações

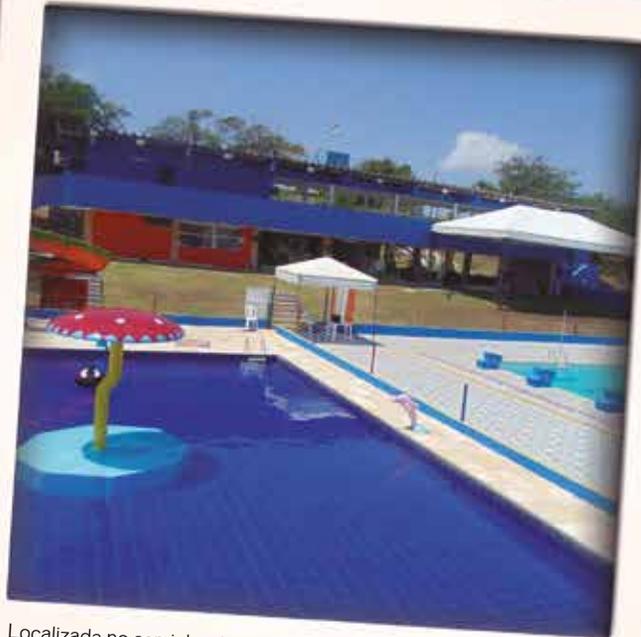
O Movimento Solidário também atua no Lar de Crianças Nossa Senhora das Graças, em Petrópolis (RJ), desde 2002. A instituição acolhe em regime integral crianças desassistidas pelas famílias, dando educação e proteção. As doações feitas pelos trabalhadores da Caixa já possibilitaram a construção de um berçário e a implantação de uma cozinha totalmente equipada. Em breve, será a vez de inaugurar a nova brinquedoteca,



*Uma das ações do Movimento Solidário no Lar das Crianças Nossa Senhora das Graças, em Petrópolis, foi a construção de um berçário e a implantação de uma cozinha equipada*

# Iniciativas em várias áreas

Apoio da Fenaé tem sido decisivo para as associações realizarem atividades de sucesso. Ações integram política de fortalecimento do movimento associativo

**APCEF/RN**

Localizada no caminho das praias do litoral sul potiguar, a Apcef/RN oferece aos associados uma estrutura completa para o lazer, esportes, relaxamento e diversão. Duas piscinas (uma semiolímpica e outra infantil), quadra poliesportiva e de tênis, dois campos de futebol, duas quadras de vôlei de praia, churrasqueiras, bar e restaurante, chalés e muito mais esperam por você.

**APCEF/MG**

Com apoio da Fenaé, a Apcef/MG vai realizar no dia 16 de abril de 2016, na Sede Social BH, um churrascão em comemoração aos 64 anos da associação. Com open bar e open food, a festa vai contar com duas atrações: Dani Moraes e a banda Tô de Cara, destaques nos programas The Voice Brasil e Superstar. Mais informações: [www.apcefmg.org.br](http://www.apcefmg.org.br) / (31) 3439-5000

**APCEF/BA**

As obras de melhoria nos clubes da Apcef/BA não param. Em Salvador, troca de pisos na área das piscinas e reconstrução da cozinha foram os destaques. Em Feira de Santana, foi iniciada a obra da piscina. Já em Vitória da Conquista, o campo de futebol vai ganhar iluminação. As sedes de Barreiras e Ilhéus também foram beneficiadas, com reforma de portaria e um novo parque infantil.

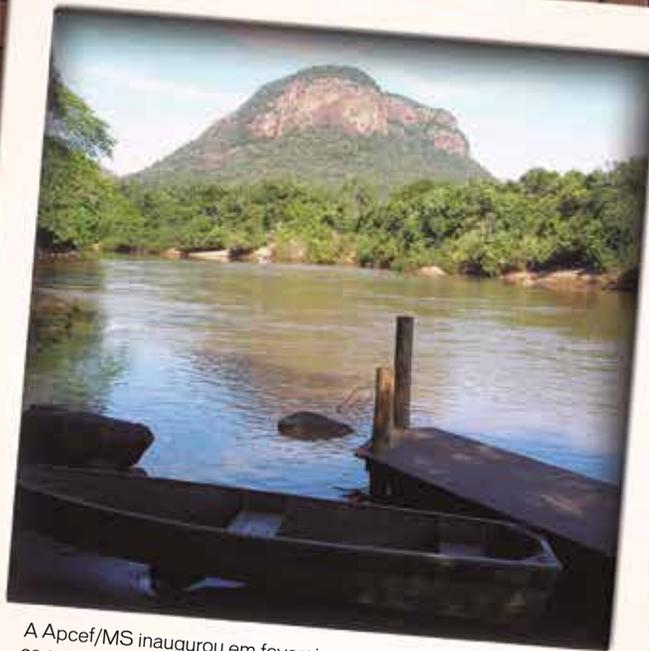
## APCEF/PR



Durante a 10ª edição do Jepar, realizada nos dias 19 e 20 de março, o modelo de carro que será sorteado na última de cinco etapas da campanha TOP 500 Família da Apcef/PR ficou em exposição na sede de Curitiba. A iniciativa visa conquistar 500 novos sócios efetivos, especialmente familiares de sócios.

O regulamento está disponível em [www.apcefpr.org.br](http://www.apcefpr.org.br).

## APCEF/MS



A Apcef/MS inaugurou em fevereiro mais uma obra para acolher os associados de todo o Brasil. Trata-se da princesinha Subsele Aquidauana, um pesqueiro maravilhoso no portal do pantanal, localizado em Camisão, distrito de Aquidauana, a 140 quilômetros da capital Campo Grande. Maiores informações sobre hospedagem no site [www.apcefms.org.br](http://www.apcefms.org.br).

## APCEF/PE



Os associados da Apcef/PE têm mais uma opção de esporte e lazer: o futebol de mesa, em várias modalidades. No mês de março, a entidade sediou a primeira etapa do Campeonato Estadual, no clube de Caruaru, local de treinamentos da equipe que já conquistou muitos troféus. Informações: (81) 99237-9821.

## APCEF/MA



### Atletas da APCEF/MA conquistam 2º lugar no I Torneio Grão-Pará Master de Natação

Nos dias 12 e 13 de março, a Apcef/MA disputou o I Torneio Grão-Pará Master de Natação com 20 atletas, ficando em segundo lugar na classificação geral. Participaram clubes do Maranhão, Pará e Amapá. Os maranhenses estão empenhados, visando bons resultados nos Jogos da Fenae de 2016, maior evento esportivo entre bancários do Brasil, que será realizado em agosto, em Blumenau (SC).



SAÚDE

# Combate ao *Aedes aegypti*: uma luta que deve ser de todos

A atenção deve ser redobrada com a realização de limpeza e varredura em busca de possíveis criadouros do mosquito transmissor do **zika vírus**, da **dengue** e da **chikungunya**

**A**lém das ações dos governos nas iniciativas de combate ao mosquito *Aedes aegypti* em todo o país, toda a sociedade precisa se mobilizar nessa luta sanitária. Tal contribuição se estende à iniciativa coletiva, envolvendo o setor privado e o terceiro setor, a exemplo da Fenae, que fortalece a atenção para livrar os espaços de possíveis criadouros do transmissor do zika vírus, da dengue e da chikungunya.

O período é de priorizar ações de prevenção, tanto nas áreas residenciais quanto nas instalações mais amplas. Nesse sentido, a Federação lembra aos empregados da Caixa Econômica Federal, aos representantes das Apcefs e aos seus funcionários para redobram os cuidados tanto no trabalho quanto em suas casas, com a realização de limpeza e varredura em busca de possíveis criadouros do *Aedes aegypti*.

*“Com o avanço dessas doenças nas cidades, as ações devem ser intensificadas, desde aquelas elaboradas por meio de campanhas com as diversas mídias, como também conversando com colaboradores para que todos se envolvam. É nesse sentido que a Fenae se envolve nessa difícil batalha”,* afirma o presidente da entidade, Jair Pedro Ferreira.

## Microcefalia

Em meados de março, 4.293 casos de microcefalia estavam sendo investigados pelo Ministério da Saúde. Os casos suspeitos totalizavam 6.671, dos quais 907 foram confirmados e 1.471 descartados. A relação com o zika vírus também continua sob apuração. Do total de casos de microcefalia confirmados até então (907), 122 tiveram resultado positivo para o zika.



## Combata o Aedes aegypti **no trabalho**

- Encha de areia até a borda os pratinhos dos vasos de planta ou lave-os semanalmente
- Evite o acúmulo de água em copos descobertos por muito tempo
- Principalmente para mulheres grávidas, é recomendável o uso de repelentes. Roupas com mangas longas reduzem a área desprotegida
- Esvazie e escove as paredes internas de recipientes que acumulam água, como moringas
- Jogue quinzenalmente desinfetante nos ralos externos das edificações e nos ralos internos pouco utilizados
- Mantenha sempre secos subsolos e garagens



## Combata o Aedes aegypti **no dia a dia**

- Coloque o lixo em sacos plásticos e mantenha a lixeira bem fechada
- Drene terrenos onde ocorra formação de poças
- Evite acumular latas, pneus, copos descartáveis e garrafas
- Guarde latas e garrafas de cabeça para baixo
- Limpe periodicamente calhas de telhados, marquises e rebaixos de banheiros e cozinhas
- Mantenha cisternas, caixas d'água, tambores e barris vedados
- Não jogue lixo em terrenos baldios
- Cubra piscinas enquanto não estiverem em uso
- Troque os recipientes de água de climatizadores e outros eletrodomésticos com regularidade

Fonte: Panfleto do Ministério da Saúde



# A saga de uma mulher impossível

## Rose Marie Muraro

foi uma feminista que lutou por uma sociedade igualitária

**A** escritora, intelectual e feminista brasileira Rose Marie Muraro deixou um legado de luta, coragem e dedicação à construção de uma sociedade igualitária. Para ela, nascida praticamente cega no Rio de Janeiro em 11 de novembro de 1930, *“o feminismo, mais do que uma política, é uma ética que defende a singularidade das pessoas, traduz-se na própria democracia profunda, que começa colocando a questão dos direitos das mulheres e avança pondo em foco os direitos de todos os que sofrem sob jugos diversos em cenários em que o poder não passa de violência”*.

Considerada uma das personalidades mais audazes e criativas do movimento das mulheres, Rose Muraro nunca se furtou ao desafio de romper fronteiras ou de questionar as noções e as representações consolidadas a respeito do patriarcado e da condição feminina. Publicou livros polêmicos, contestadores e inovadores dos valores sociais modernos, atuando ainda como uma das pioneiras do movimento feminista no Brasil. Não se limitou à questão das relações desiguais de poder entre homens e mulheres, mas denunciou relações de opressão na cultura, nas ciências sociais, nas correntes filosóficas, no Estado e no sistema econômico.

Espírito heterodoxo e libertário, Rose Muraro elevou a questão do gênero a um novo patamar, pois não considerava o masculino e o feminino como realidades que se contrapõem, mas como instâncias fundamentais onde cada um é completo em si mas voltado para o outro, numa relação de reciprocidade e construção comum. Uma de suas principais obras foi *“Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil”*, considerado um clássico.

A Editora Vozes foi um capítulo à parte na sua vida. Ali trabalhou com o teólogo Leonardo Boff e das mãos de ambos nasceram os dois movimentos sociais mais relevantes do Brasil, no século 20: o da emancipação das mulheres e o da Teologia da Libertação.

Rose Marie Muraro, cuja saga pessoal mostra que o impossível não é um limite, mas um desafio, morreu em 21 de junho de 2014. Ela se inscreve, segundo Boff, *“na linhagem das grandes mulheres arquetípicas que ajudam a humanidade a preservar viva a lamparina sagrada do cuidado por tudo o que existe e vive”*.





Não custa nada  
e vale muito.

# FAZER PARTE VALE MUITO. **DOAR, NÃO CUSTA NADA.**

Quando você contribui com o MCPC, o maior projeto cultural financiado por pessoas físicas do país, está ajudando a transformar o país com a democratização da cultura.

Fique ligado! Em breve você poderá destinar até 6% do seu Imposto de Renda devido para o MCPC. Uma ação simples, de grande valor, e que não vai custar nenhum centavo para você.

mcpc **10** anos

REALIZAÇÃO



FENAE



APCEF

PATROCÍNIO

**CAIXA**  
seguradora

**PAR**  
CORRETORA  
DE SEGUROS



# Belágua precisa de você

Mudar a realidade de pobreza e fome que assola centenas de famílias em Belágua (MA) depende de todos nós. Acesse o site <http://todosjuntos.parcorretora.com.br> e colabore!